

Para pôr um fim no massacre do corpo

Pour en finir avec le massacre du corps

Félix Guattari (1973)

Resumo: Versão em português do ensaio *Pour en finir avec le massacre du corp* [Para pôr um fim no massacre do corpo] publicado originalmente de forma anônima por Félix Guattari, na revista francesa *Recherches* n.º 12, de 1973, edição dedicada a uma “grande enciclopédia das homossexualidades” intitulada *Três bilhões de pervertidos*, que teve suas cópias apreendidas e destruídas pelo governo francês, que moveu ações judiciais contra Guattari, então editor da publicação, acusando-o de "ultrajar a decência pública".

Palavras-chave: Coerção; Corpo; Desejo; Prazer; Ruptura.

Résumé: *Traduction portugaise de l'essai Pour en finir avec le massacre du corps, initialement publié anonymement par Félix Guattari dans la revue française Recherches n° 12 de 1973, un numéro consacré à une “grande encyclopédie des homosexualités” intitulée “Trois milliards de pervers”. Ce numéro fut saisi et tous les exemplaires détruits par le gouvernement français, qui intenta une action en justice contre Guattari, alors directeur de la publication, l'accusant “d’outrage aux bonnes mœurs”.*

Mots-clés: *Coercition; Corps; Désir; Plaisir; Rupture.*

Para

Quaisquer que sejam as pseudo-tolerâncias que ela propague, a ordem capitalista em todas as suas formas (família, escola, fábricas, exército, códigos, discursos...), continua a sujeitar toda a vida desejosa, sexual e afetiva, à ditadura de sua organização totalitária baseada na exploração, na propriedade, no poder masculino, no lucro, no desempenho...

Sem descanso, ela continua seu trabalho sujo de castração, esmagamento, tortura e gradeamento do corpo para inscrever suas leis em nossa carne, cravar seu aparelho de reprodução da escravidão no inconsciente.

Por meio de restrições, estases, lesões e neuroses, o estado capitalista impõe suas normas, estabelece seus modelos, imprime seus traços, distribui seus papéis, difunde seus programas... Por meio de todas as formas de acesso ao nosso organismo, ele mergulha suas raízes mortais no mais profundo de nossas vísceras, confisca nossos órgãos, desvia nossas funções vitais, mutila nossos prazeres, submete ao controle de sua administração paciente todas as produções “vívidas”. Isso faz de cada indivíduo um estropiado, mutilado de seu próprio corpo, distante e estranho a seus desejos.

pôr um fim

Com a ajuda de um grande terror social que é experimentado como culpa individual, as forças de ocupação capitalista, com seu sistema de agressão, incitação e chantagem cada vez mais refinado, lutam para reprimir, excluir e neutralizar todas as práticas desejáveis que não têm o efeito de reproduzir as formas de dominação.

Assim, o reino milenar do gozo infeliz, do sacrifício, da resignação, do masoquismo instituído e da morte é prolongado

Imagens:

Cristina Ribas

As imagens presentes nesta tradução são uma proposição de Cristina T. Ribas e Cecilia Cavalieri. As imagens foram alteradas em software digital (Adobe Photoshop) e se assemelham aos efeitos de uma Câmara de Nuvem (<https://youtu.be/e3f6uyyrEs?si=5dOPpPfzIVv3FjJE>) desenvolvida por C.T.R. Wilson no começo do século XX, e citada em um texto de Félix Guattari. As imagens foram selecionadas a partir de um repertório do ativismo feminista, de performance feminista e de práticas artísticas dos últimos 10 anos no contexto do Brasil e da América Latina, alguns eventos, criações ou mobilizações nos quais Cristina e Cecilia participam ou participaram. O artigo na versão original publicado na Semiotext(e) apresentava outras imagens.

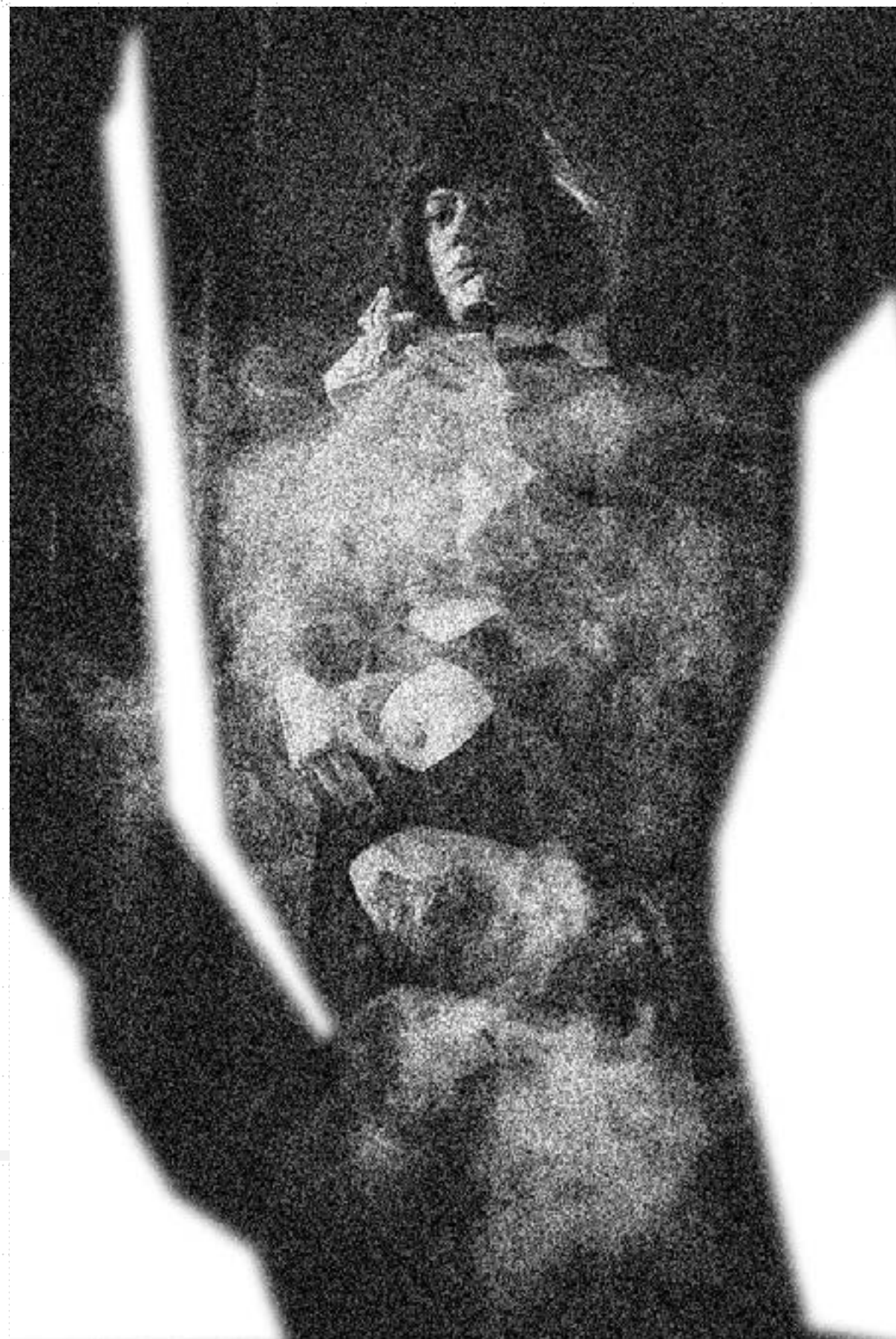


Figura 01. Manipulação de imagem de performance da artista Fabiana Faleiros. Fonte: Site do Prêmio Pipa, disponível em: <https://www.premiopipa.com/pag/fabiana-faleiros/>

indefinidamente: o reino da castração que produz o "sujeito" culpado, neurótico, trabalhador, submisso e explorável.

Este velho mundo, que fede a cadáver por todas as partes, nos horroriza, e decidimos levar a luta revolucionária contra a opressão capitalista onde ela está mais profundamente enraizada: no vivo de nossos CORPOS.

no

É o espaço deste corpo com tudo o que ele produz de desejos que nós queremos libertar do controle "estrangeiro". É "por aí" que queremos "trabalhar" para a libertação do espaço social. Não há fronteira entre os dois. EU me oprimos porque EU é um produto de um sistema de opressão estendido a todas as formas de experiência.



Figura 02. Manipulação sobre imagem da performance *Dildos no Louvre*, de Sue Nhamandu e Paula Alves, Museu do Louvre, Paris, França, 2019, a partir do registro no Jornal *O Dia*, disponível em: <https://odia.ig.com.br/arte/2019/07/5788536-dildos-no-louvre.html>

A "consciência revolucionária" é uma mistificação desde que não passe pelo "corpo revolucionário", o corpo que produz sua própria libertação.

São as mulheres, em rebelião contra o poder masculino - implantado há séculos em seus próprios corpos -, os homossexuais em luta contra a normatividade terrorista, os "jovens" em revolta contra a autoridade patológica dos adultos, que começaram coletivamente a abrir espaço no corpo para a subversão, e o espaço de subversão às exigências "imediatas" do corpo.

São elas e são eles e são elus que começaram a questionar o modo de produção dos desejos, as relações entre gozo e poder, corpo e sujeito, na forma como funcionam em todas as esferas da sociedade capitalista, inclusive em grupos de militantes.

massacre

São elas, são eles, são elus que quebraram definitivamente a velha separação entre "política" e realidade vivida, para o máximo benefício tanto dos gerentes da sociedade burguesa quanto daqueles que afirmam representar as massas e falar em seu nome.

São elas, são eles, são elus que abriram caminhos para um grande levante de vida contra as autoridades da morte que estão constantemente se insinuando em nosso organismo para subjugar, cada vez mais sutilmente, a produção de nossas energias, de nossos desejos, de nossa realidade, aos imperativos da ordem estabelecida.

Uma nova linha de ruptura é assim traçada, uma nova linha de confronto mais radical e mais definitiva, a partir da qual as forças revolucionárias são "necessariamente" redistribuídas.



Figura 03. Manipulação de imagem. Participação do Coletivo Santa Mãe na manifestação do dia 8 de Março 2018, Rio de Janeiro.
Fonte: grupo do coletivo no Facebook (internet).



Figura 04. Manipulação sobre fotografia de Marielle Franco e Talíria Petrone, naquele momento Marielle era vereadora da cidade do Rio de Janeiro e Talíria era vereadora da cidade de Niterói, ambas no RJ. 2017. Fonte: internet.

do corpo

Não podemos mais tolerar que roubem nossa boca, nosso ânus, nosso sexo, nossos nervos, nossos intestinos, nossas artérias... para que deles façam as peças e engrenagens da mecânica hedionda da produção do capital, da exploração, da família... Não podemos mais tolerar que nossas mucosas, nossa pele, todas as nossas superfícies sensíveis sejam transformadas em territórios ocupados, controlados, regulados, fiscalizados e interditados. Não podemos mais aceitar que nosso sistema nervoso sirva de receptor e transmissor [relé] do sistema de exploração capitalista, estatal e patriarcal, nem que nosso cérebro funcione como uma máquina de tortura programada pelo poder vigente.

Não podemos mais sofrer por deixar ir, nem reter nossas trepadas, nossas merdas, nossa saliva, nossas energias de acordo com as prescrições da lei e suas pequenas transgressões

controladas: queremos explodir o corpo frígido, preso e mortificado que o capitalismo está constantemente tentando construir com os escombros do nosso corpo vivo.

Este desejo de libertação fundamental, que nos permite adentrar em uma prática revolucionária, nos convida a deixar os limites de nossa “pessoa”, nos convida a derrubar o “sujeito” dentro de nós, a deixar o sedentarismo, o “estado civil”, a atravessar os espaços do corpo sem fronteiras, e a viver na mobilidade do desejo além da sexualidade, além da normatividade, de seus territórios, de seus repertórios.

É neste sentido que alguns de nós experimentamos a necessidade vital de nos libertarmos “em conjunto” da influência que as forças de esmagamento e captura do desejo exerceram e ainda exercem sobre cada um de nós em “particular”.



Figura 05. Manipulação de imagem sobre fotografia de Anna Ortega, na ocasião do Festival pela vida das mulheres, meninas e pessoas que podem gestar, organizado pela Frente pela legalização do aborto-RS, no dia 28 de Setembro de 2022, na Casa de Cultura Mário Quintana, Porto Alegre. Fonte: Frepla/Anna Ortega.

Temos a intenção de nos aproximar, explorar e viver coletivamente tudo aquilo que experimentamos no caminho da vida pessoal e íntima. Queremos derrubar o muro de concreto que separa, no interesse da organização social dominante, o ser do aparecer, o dito do não-dito, o privado do social.

Começamos a descobrir juntos toda a mecânica de nossas atrações, nossas repulsões, nossas resistências, nossos orgasmos, para trazer ao conhecimento comum o universo de nossas representações, nossas fantasias, nossas obsessões, nossas fobias. "O inconfessável" tornou-se, para nós, matéria de reflexão, de propagação e de explosões políticas, no sentido de que a política manifesta no campo social as irreduzíveis aspirações dos "vivos".

Decidimos quebrar o segredo insuportável que o poder impõe sobre tudo que toca o funcionamento real das práticas sensuais, sexuais e afetivas, da mesma forma que sobrepõe tal segredo ao funcionamento real de todas as práticas sociais que produzem ou reproduzem formas de opressão.

Destruir a sexualidade

Ao explorarmos em conjunto nossas histórias individuais, pudemos avaliar até que ponto toda nossa vida desejada foi dominada pelas leis fundamentais da sociedade estatal, burguesa e capitalista de tradição judaico-cristã e, de fato, subordinada a suas regras de eficiência, mais-valia e reprodução. Ao confrontar nossas "experiências" singulares, por mais "livres" que nos parecessem, percebemos que ainda estávamos em conformidade com os estereótipos da sexualidade oficial, que regula todas as formas de experiência vivida e estende sua administração de leitos matrimoniais a quartos de puteiros, passando por banheiros

públicos, pistas de dança, fábricas, confessionários, sex shops, prisões, escolas, ônibus, casas de suíngue, etc... etc....

Não se trata de organizarmos esta sexualidade oficial, esta sexualidade como tal, da mesma forma que organizamos suas condições de aprisionamento. Mas trata-se sobretudo de destruí-la, de apagá-la, pois ela não é senão uma máquina de castrar e recastrar indefinidamente, uma máquina para reproduzir em todos os seres, a todo tempo e em todos os lugares, as bases da ordem escravocrata. A "sexualidade" é uma monstruosidade, tanto em suas formas restritivas ou nas ditas "permissivas", e é claro que o processo de "liberalização" dos costumes e de "erotização" promocional da realidade social organizada e controlada pelos gerentes do capitalismo "avançado" não têm outro objetivo senão o de tornar mais eficaz a função reprodutiva da libido oficial. Longe de reduzir a miséria sexual, estes tráfegos só prolongam o campo das frustrações e da "falta", o que permite transformar o desejo em uma necessidade compulsiva de consumo, assegurando ao mesmo tempo a "produção da demanda", motor da expressão capitalista. Desde a "imaculada concepção" até a prostituta publicitária, do dever conjugal até a promiscuidade voluntarista das surubas burguesas, não há quebra. É a mesma censura que está em ação. É o mesmo massacre do corpo desejante que se perpetua. Simples mudança de estratégia.

O que queremos, o que desejamos, é arrebentar a tela da sexualidade e de suas representações para conhecer a realidade de nosso corpo, de nosso corpo vivo.

Eliminar o adestramento

Queremos libertar este corpo vivo, desenquadrá-lo, desbloqueá-lo, descongestioná-lo, para que todas as energias, todos os desejos e

todas as intensidades esmagadas pelo sistema social de registro e adestramento possam ser liberadas.

Queremos recuperar o pleno exercício de cada uma de nossas funções vitais com todo o seu potencial de prazer.

Queremos recuperar as faculdades que são verdadeiramente elementares, como o prazer de respirar, literalmente sufocado pelas forças de opressão e de poluição; o prazer de comer e de digerir, perturbado pelo ritmo de desempenho e pelos alimentos sujos produzidos e preparados de acordo com os critérios de rentabilidade mercadológica; o prazer de cagar e o gozo do cu, sistematicamente massacrados pelo adestramento intrusivo dos esfíncteres pelos quais a autoridade capitalista inscreve na carne mesma seus princípios fundamentais (relações de exploração, neurose de acumulação, mística da propriedade, da higiene, etc.); o prazer de se masturbar alegremente sem vergonha e



Figura 06. Manipulação de imagem sobre frame de vídeo de palestra-performance de Maria Galindo, intitulada *Knowledge as Collective Experience: Maria Galindo*, 2015. Fonte: Creative Time Summit 2015, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AoOJfVwRSIo>

sem angústia, nem por falta nem por compensação, mas pelo prazer mesmo de se masturbar; o prazer de vibrar, de murmurar, de falar, de andar, de se mover, de se expressar, de delirar, de cantar, de brincar com o corpo de todas as maneiras possíveis. Queremos recuperar o prazer de produzir prazer, de criar, prazer impiedosamente diminuído pelos aparatos escolares incumbidos de produzir trabalhadores-consumidores obedientes.

Libertar as energias

Queremos abrir nosso corpo ao corpo de outrem, deixar passar as vibrações, as energias circularem e os desejos se combinarem para que cada um e todos possam dar fluxo livre a todas as suas fantasias e todos os seus êxtases, para que finalmente possamos viver sem culpa, sem inibição, todas as práticas voluptuosas individuais, duplas ou plurais que precisamos desesperadamente viver, para que nossa realidade diária não seja esta lenta agonia que a civilização capitalista e burocrática impõe como modelo de existência aos que ela alista. Queremos remover de nosso ser o tumor maligno da culpa, a raiz milenar de todas as opressões.

Conhecemos, é claro, os obstáculos formidáveis que teremos de superar para garantir que nossas aspirações não sejam apenas o sonho de uma pequena minoria de rebeldes. Sabemos em particular que a libertação do corpo, das relações sensuais, sexuais, afetivas e extáticas, está inextricavelmente ligada à libertação da mulher e ao desaparecimento de todas as categorias sexuais. A revolução do desejo passa pela destruição do poder masculino e de todos os modelos de acoplamento e de relações que ele impõe, assim como passa pela destruição de todas as formas de opressão e normatividade.

Queremos acabar com as funções e identidades distribuídas pelo Falo.



Figura 07. Manipulação sobre imagem de um tambor de bloco de carnaval na ocasião da saída do Bloco Não mexe comigo que eu não ando só, em Porto Alegre, RS, Novembro de 2023. Fonte: Fotografia de autoria de Edi e Bloco Não mexe comigo que eu não ando só.

Queremos o fim de todas as formas de atribuição a uma residência sexual. Queremos que haja entre nós não mais homens e mulheres, homossexuais e heterossexuais, ativos e passivos, velhos e jovens, senhores e escravos, mas pessoas transexuais, autônomas, móveis e múltiplas; seres com diferenças variáveis, capazes de trocar com seus desejos, seus prazeres, seus êxtases e sua ternura, sem ter que operar algum sistema de mais-valia, algum sistema de poder, a não ser sob a forma de um jogo.

Partindo do corpo, do corpo revolucionário como um espaço produtor de intensidades “subversivas”, o corpo como um lugar onde todas as crueldades da opressão são exercidas em última instância, ligando a prática “política” à realidade deste corpo e de seu funcionamento, buscando coletivamente todas as formas de sua libertação, já produzimos uma nova realidade social na qual o máximo de êxtase é combinado com o máximo de consciência. Esta é a única maneira que pode nos dar os meios para lutar diretamente contra a influência do Estado capitalista onde ela é exercida mais diretamente. Este é o único passo que pode nos tornar realmente FORTES contra um sistema de dominação que nunca deixa de desenvolver seu poder, de “debilitar” e “enfraquecer” cada indivíduo a fim de forçá-lo a subscrever seus axiomas. Para inscrevê-lo na ordem dos cães.